

MAIO, 2021 | EDIÇÃO #20 | APERIÓDICO

BLOCO MÁGICO

BOLETIM DO CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE



Copyright: Christina Bothwell (www.christinabothwell.com)

PULSÃO DE MORTE NA
POÉTICA DE AUGUSTO
DOS ANJOS

■ 3

Ana Lucia
Teixeira de Carvalho

TRAVESSIA DA FANTA-
SIA, TRABALHO DE
LUTO E SOLIDÃO

■ 9

Elizabeth Cristina
Landi

2011: A REINVENÇÃO
DA VIDA

■ 13

Izaura Gazen e Coletivo do
Núcleo Nova Friburgo (RJ)

O ÉDIPO DO MENINO É
RESOLUTIVO COM O COM-
PLEXO DE CASTRAÇÃO?

■ 18

Silvia Maria
de Souza Levy

E mais...

EDITORIAL

Caros leitores,

desejamos que estejam todos bem, apesar de estarmos ainda vivenciando o quadro atual, potencializado pela pandemia do Coronavírus, que deixa um rastro desastroso e um forte impacto em nossa saúde física e psíquica. Mas é preciso manter vivas as nossas referências e pontos de afeto que se fazem presentes no imbricamento da pulsão de vida e da pulsão de morte.

Com o propósito de reavivar a troca de produção teórica de Seções e Núcleos do Corpo Freudiano, instalados nas diversas regiões do Brasil, para essa edição do Bloco Mágico 20, publicamos quatro textos de temáticas diversas que em muito contribuirão para a reflexão e a transmissão da psicanálise.

Iniciamos a leitura com o artigo *Pulsão de morte na poética de Augusto dos Anjos*, de Ana Lúcia Teixeira de Carvalho, diretora do Núcleo João Pessoa. Valendo-se da criação poética de Augusto dos Anjos como uma produção sublimatória, articulada à ênfase do aspecto mórbido da falta, destacada por Lacan no *Seminário 7: A ética da Psicanálise*, a autora se propõe a pensar "se esta letra poética contempla uma dimensão criacionista da pulsão de morte, dando sustentação ao vazio da Coisa - *das Ding*, no campo da ética."

Na sequência, apresentamos o texto *Travessia da fantasia, trabalho de luto e solidão*, de Elizabeth Cristina Landi (Núcleo Goiânia), que nos conduz à reflexão sobre o

trabalho de desinvestimento na fantasia num percurso ético de uma análise no tocante ao que "remete à morte, ao indizível, ao irrepresentável, ao feminino, não todo recoberto pelo significante endereçado ao real e não todo amparado na lei simbólica."

Em continuidade, o artigo *2011: a reinvenção da vida*, de autoria do Coletivo de Nova Friburgo e de Izaura Gazen (diretora do Núcleo), surge a partir do desastre ambiental ocorrido em sete municípios da região serrana do Rio de Janeiro, em 2011, abordando a situação do imensurável desamparo que afeta o sujeito e as comunidades decorrente de cenários de catástrofes. Considerando a produção teórica de Alain Didier-Weill, sobremaneira acerca do significante sideração (*Verblüffung*), no sentido de estupor – que conduz ao silêncio, perpetuando-o, no que o sujeito siderado é pura falta – os autores implementam um dispositivo capaz de acolher e de ouvir grupos e comunidades siderados. Em suas palavras: "Só havia os significantes que giravam em torno da morte e da invasão do real na vida: as águas, as rochas e a lama se apoderaram do mundo... Recebemos de Didier-Weill um convite a pensar tanto a reinvenção da vida quanto a reinvenção da experiência psicanalítica. Para além dos espaços tradicionais, podemos acolher e oferecer uma escuta a sujeitos siderados."

Por último, conferindo um arremate às nossas discussões, temos a apresentação do texto *O Édipo do menino é resolutivo com o complexo de castração?*, de Silvia Levy,

diretora da Seção Belém. A autora percorre o pensamento freudiano acerca da diferença sexual como não inscrita no real do corpo, articulada ao complexo de Édipo e ao de castração no menino e na menina, pensamento esse que norteou Freud na construção de uma teoria sobre a sexualidade feminina. Acrescida da contribuição de Lacan sobre a posição masculina e feminina perante o conceito de falo – pura diferença, como Dom – Silvia coloca a questão: "A quem se destina a demanda de amor do homem e da mulher e a especificidade de infidelidade - seja masculina, seja feminina - uma vez que parece ser uma busca sempre perdida?"

Indicamos, ainda, que as programações e atividades das Seções e Núcleos do Corpo Freudiano encontram-se no site da Escola e também nas respectivas páginas oficiais de *Facebook* e *Instagram*.

Desejamos a todos excelentes leituras e articulações.

Rio de Janeiro, maio de 2021

TANIA ROSAS
Editora

BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editora: TANIA ROSAS

Equipe: ARTHUR PEREIRA, MARIA CECÍLIA SOUSA E THOMAS SPERONI

Secretaria de Publicações: TANIA ROSAS

blocomagico@corpofreudiano.com.br

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

contato@corpofreudiano.com.br

www.corpofreudiano.com.br

BRASIL

SEÇÕES

Belém (PA)
Campos dos Goytacazes (RJ)
Cuiabá (MT)
Fortaleza (CE)
Goiânia (GO)
Imperatriz (MA)
Rio de Janeiro (RJ)
São Luís (MA)

NÚCLEOS

Barra Mansa (RJ)
Brasília (DF)
Dourados (MS)
João Pessoa (PB)
Macaé (RJ)
Nova Friburgo (RJ)
Porto Alegre (RS)
São Paulo (SP)
Teresina (PI)
Teresópolis (RJ)



Vassouras (RJ)

FRANÇA

SEÇÃO
Paris

ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO
Boston

PULSÃO DE MORTE NA POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Por ANA LUCIA TEIXEIRA DE CARVALHO

“A palha das palavras só nos aparece como palha na medida em que dela separamos o grão das coisas, e é inicialmente essa palha que carregou esse grão”.

Jacques Lacan
A ética da psicanálise
p. 60

A obra do poeta paraibano Augusto dos Anjos (20/04/1884 – 12/11/1914) tem uma fortuna crítica muito significativa, e sua apreciação abraça tanto o universo intelectual e acadêmico quanto o universo cultural de uma forma geral. De fato, sua poesia alcança tamanha popularidade por conter originalidade, musicalidade, fragilidade e tragicidade humanas e, ainda, estranhamento: “Falas de amor, e eu ouço tudo e calo! / O amor na Humanidade é uma mentira. / É. E é por isto que na minha lira. / De amores fúteis poucas vezes falo...” (ANJOS, *Idealismo*, p. 229).

Augusto dos Anjos escreveu, em 1912, um único livro - *Eu*. Postumamente, esse livro foi publicado com o acréscimo de outras obras deixadas pelo poeta com o título – *Eu e outras poesias*. Na poética de Augusto dos Anjos, o eu lírico carrega um traço de

morbidez que atravessa os seus versos. Parece comum à crítica literária considerar que o poeta se notabilizou “por tematizar a morte e o universo da doença e da putrefação” (VIANA, 1994, p. 13).

A articulação que buscamos no Seminário *A Ética da Psicanálise* tem início com a ênfase do aspecto mórbido¹ da falta, destacado por Lacan. Nesse Seminário, Lacan já antecipa a moral como um conceito distinto da ética, ao dizer que é “impossível dissociar esse aspecto do universo da falta, como tal, e o elo da falta com a morbidez não deixou de marcar com seu selo toda a reflexão moral em nossa época” (LACAN, 1959-60, p. 10). Lacan vai pensar essa falta, na obra freudiana, em termos de duas vertentes – em *Totem y tabu*, com a questão do assassinato do pai, e em *Más allá del principio de placer*, com a pulsão de morte. Aqui, vamos nos ater à hipótese da pulsão de morte na poética de Augusto dos Anjos com uma visada na dimensão sublimatória.

Ao pensar na existência de uma antinomia entre moral e ética, Lacan nos adverte que o primeiro termo dá lugar aos imperativos do supereu, da morbidez e do amor como ideal, enquanto o segundo cede a uma erótica –

¹ Lacan faz referência a Hesnard, psicanalista e psiquiatra que em 1949 publicou o “Universo mórbido da falta”.

campo do desejo com seu endereçamento ao real. Podemos pensar em uma dialética entre moral e ética tal como aludimos ao princípio de prazer e princípio de realidade e às pulsões de vida e pulsões de morte?

Augusto dos Anjos nasceu sob o signo de uma sociedade ruralista no Engenho Pau d'Arco. Seu pai nutria o gosto intelectual por filosofia, política, literatura, música e línguas. Tendo concluído o curso de Direito, foi cuidar do Engenho deixado por seus antecedentes portugueses. A moral conservadora cristã da época e a decadência econômica foram também marcantes no caminho traçado pelo poeta quando escreveu: "Quarto Minguante! E, embora a lua o aclare, / Este Engenho Pau d'Arco é muito triste.../Nos engenhos da várzea não existe/ Talvez um outro que se lhe equipare! /...Vai-me crescendo a aberração do sonho. / Morde-me os nervos o desejo doudo/ De dissolver-me, de enterrar-me todo/ Naquele semicírculo medonho!" (ANJOS, *Tristezas de um Quarto Minguante*, p. 300).

O poeta morreu aos 30 anos de idade e, como *causa mortis*, foi atestada uma pneumonia dupla. Ademar Vidal, ex-aluno do poeta, publicou, em 1967, uma biografia de Augusto dos Anjos, na qual revelaria o seu fascínio pela sua história e obra. O poeta, na época da infância do biógrafo, era professor interino de Literatura do Liceu Paraibano, sendo, por razões políticas, preterido como professor efetivo, e, assim, iniciando a sua saga de "cavações" por empregos, o que viveu e escreveu em algumas cartas. O biógrafo nos conta que o poeta tinha uma "voz melodiosa. Certa ocasião salientou que toda gente a apreciava, o que lhe trazia a desconfiança de haver feito um mal negócio, tornando-se professor. Deveria ser antes cantor, um tenor lírico" (VIDAL, 1967, p. 11).

Com sua mãe, Sinhá-Mocinha - assim chamada pelos filhos e íntimos, Augusto dos Anjos trocou uma correspondência epistolar significativa enquanto morou em João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro e Leopoldina. Em algumas de suas cartas à mãe, narrou sobre sua angústia em relação ao que experimentava. Assim, em 1911, do Rio de Janeiro, escreveu-lhe: "... Como que há, em mim, não sei por que sortilégio de divindades malvadas, uma tara negativa irremediável para o desempenho de umas tantas funções específicas de ladinagem humana" (ANJOS, 1994, p. 722). Em outra carta, disse à mãe: "É o que eu encontro agora dentro de mim, é uma coisa sem fundo, uma espécie aberratória de buraco na alma, e uma noite muito grande e muito horrível em que ando, a todo o instante, a topar comigo mesmo, espantado dos ângulos do meu corpo e da pertinácia perseguidora de minha sombra" (*Ibid.*, p. 748).

Embora Bacharel em Direito, como seu pai, Augusto dos Anjos, além de escrever seus poemas, ensaios e crônicas em jornais, dedicou-se ao magistério até o final de sua vida em Leopoldina, Minas Gerais. Lá, ele foi nomeado diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, poucos meses antes de seu falecimento. No Rio de Janeiro, foi indicado como membro do Corpo Editorial da Enciclopédia Nacional de Ensino, junto a outros enciclopedistas permanentes (*Ibid.*, p. 727).

Com efeito, enquanto movimento literário, a poesia de Augusto dos Anjos é considerada com estilo ora parnasiano, com a forma de versos em soneto e uma poética realista-naturalista, tendendo para o pessimismo, ora simbolista, com o veio subjetivo e o recurso estilístico sinestésico, ora, pré-

moderno - período de transição entre o simbolismo e o modernismo. A *Obra Completa* do poeta, organizada por Alexei Bueno, em 1994, traz, além de poemas do *Eu e outras poesias*, poemas esquecidos, poemas de circunstância, cartas e crônicas.

Muitas pesquisas acadêmicas e críticas literárias destacam na obra de Augusto dos Anjos uma estética melancólica marcada pelo pessimismo, negativismo, ruína e morte. Viana (1994), em *O Evangelho da Podridão*, analisa a poesia do paraibano como expressando a culpa e a melancolia em relação a um supereu tirânico. Já em *Cartas marcadas pela dor de existir*, estudamos a estética melancólica nas cartas endereçadas pelo poeta à sua mãe. Nesse texto epistolar, salientamos o empuxo-à-ironia e ao estranhamento pelo emprego de uma esdrúxula literalidade. Não obstante, as cartas de Augusto dos Anjos marcavam um lugar de ausência-presença.

Considerando esses aspectos em torno da obra do poeta paraibano, voltemos, portanto, à questão que propomos investigar à luz do Seminário *A ética da Psicanálise*. A pergunta que retomamos é se essa letra poética contempla uma dimensão criacionista da pulsão de morte. Ademais, se essa escrita poética dá sustentação ao vazio da Coisa – *das Ding*, no campo da ética, considerado como “o verdadeiro segredo” (LACAN, 1959-60, p. 61). Nesse sentido, como destaca Lacan, devemos, sobretudo, pensar nos efeitos de *das Ding* “no âmago da trama humana, ou seja, de se ir vivendo no meio da floresta dos desejos, e dos compromissos que os tais desejos estabelecem com uma certa realidade” (*ibid.*, p. 132). No soneto *Vandalismo*, escrito em 1904 (p. 279), o eu poético nos diz:

*Meu coração tem catedrais imensas,
Templos de priscas e longínquas datas,
Onde um nume de amor, em serenatas,
Canta a aleluia virginal das crenças.*

*Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações intensas
Cintilações de lâmpadas suspensas
E as ametistas e os florões e as pratas.*

*Como os velhos Templários medievais
Entre um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos...*

*E erguendo os gládios e brandindo as hastas,
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!*

Em 1915, Freud considera a pulsão um conceito básico da psicanálise, destacando os quatro destinos da pulsão: reversão ao seu oposto; retorno ao próprio eu; recalque e sublimação. Por sua vez, Lacan, em 1964, considera a pulsão como um dos quatro conceitos fundamentais, junto aos conceitos de inconsciente, transferência e repetição. A pulsão atua como uma força constante, já postulara Freud, o que Lacan teoriza como o circuito pulsional num vaivém incansável em torno de um objeto inexistente.

Com efeito, no célebre artigo *Más allá del principio de placer*, Freud revoluciona com o conceito de pulsão de morte e chega a dizer que “se não queremos abandonar a hipótese das pulsões de morte, há que associá-las desde o começo mesmo com umas pulsões de vida” (FREUD, 1920, p. 55). Mais adiante, ele considera que as pulsões de vida têm a ver com as percepções internas, enquanto as pulsões de morte realizam seu trabalho de modo inadvertido. E, ainda que o princípio de prazer esteja a serviço das pulsões de morte, ele não deixa de estar atento aos estímulos e perigos externos nem àqueles internos que postulam “dificultar a tarefa de viver” (*ibid.*, p. 61). A pulsão de vida

e a pulsão de morte estão amalgamadas, por assim dizer, como uma banda de Moebius, na qual a torção vem a ser o real.

Com efeito, a pulsão de morte não exerce um domínio sobre a pulsão sexual, quando está posto que a realidade do inconsciente é sexual. Citamos Lacan ao dizer que a “sexualidade passa para as redes da constituição subjetiva, para as redes do significante - que a sexualidade só se realiza pela operação das pulsões, no que elas são pulsões em relação à finalidade biológica da sexualidade” (LACAN, 1959-60, p. 167). Lacan parece atentar que se a pulsão sexual é parcial, a de morte é da ordem de um gozo absoluto, de um empuxo-ao-gozo. Na experiência clínica, como também no domínio da literatura, podemos vislumbrar um empuxo-à-morte, como a busca de uma satisfação absoluta em relação ao objeto perdido. No entanto, também é no campo da arte que se verifica muito claramente um destino pulsional sublimatório em termos da criação. A esse respeito, Freud afirma, em *Totem y tabu*, “que só em um âmbito, o da arte, tem-se conservado a onipotência dos pensamentos também em nossa cultura. Unicamente nele sucede, todavia, que um homem devorado por seus desejos proceda a criar algo semelhante à satisfação desses desejos” (FREUD, 1913, p. 93-94). No poema *Budismo Moderno*, o poeta nos deixou esses versos: “Tome, Dr., esta tesoura, e ...corte/ Minha singularíssima pessoa. / Que importa a mim que a bicharia roa / Todo o meu coração depois da morte?! / Ah! Um urubu pousou na minha sorte! / Também, das diatomáceas da lagoa / A criptógama cápsula se esbroa / Ao contato de bronca destra forte!” [...] (ANJOS, 1994, p. 224).

No *El malestar en la cultura*, Freud (1930) observa que outras pulsões são levadas a

deslocar as condições da satisfação para outros caminhos, o que na maioria dos casos coincide com a sublimação, embora noutros se afaste dela. Nesse momento, citamos Freud, ao afirmar que “a sublimação das pulsões é uma aspiração destacada do desenvolvimento cultural; possibilita que as atividades psíquicas superiores – científicas, artísticas, ideológicas – desempenhem um papel tão essencial na vida cultural [...] Não é fácil compreender como se torna possível retirar a satisfação de uma pulsão” (p. 95-96).

No Seminário 7, Lacan destaca que a articulação da pulsão de morte em Freud é suspeita, ou seja, que ela traz uma problemática necessária ao campo da investigação e da experiência. Ele considera a articulação freudiana como nem verdadeira nem falsa, mas concorda com o ponto intransponível ou o da Coisa – *das Ding*. A partir disso, ele considera que “Freud desenvolve sua sublimação referente à pulsão de morte, dado que essa sublimação é fundamentalmente criacionista” (LACAN, 1959-60, p. 260-261). A dimensão criacionista da pulsão de morte é do campo da Coisa. É nesse campo da Coisa, de um para-além da cadeia significativa, que se produz a sublimação, e Lacan vai articular o amor cortês como algo desejado, mas impossível. Ora, Augusto dos Anjos dedicou o poema *Versos de Amor* a um poeta erótico, escrevendo sobre o amor como um objeto impossível, em seu estatuto real, e mais depreciativo, decepcionante do que cortejado. “Parece muito doce aquela cana. / Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão treda! / O amor, poeta, é como a cana azeda,? / A toda a boca que o não prova engana [...] Porque o amor, tal como eu o estou amando, / É espírito, é éter, é substância fluida, / É assim como o ar que a gente pega e cuida, /

Cuida, entretanto, no entanto, não o estar pegando! (ANJOS, *Versos de Amor*, p. 267).

A criação poética como uma produção sublimatória na obra augustiana se apresenta como um para-além da rima, mais parecendo falar de uma extimidade contida nos versos que dão conta do original e do enigma. Abordar a sublimação como um destino pulsional é considerar a pulsão como algo muito complexo, não redutível, como assinala Lacan ao registro energético freudiano: “Ela comporta uma dimensão histórica, quanto à qual teremos de nos dar conta de seu verdadeiro alcance. [...] Essa dimensão se marca pela insistência com que ela se apresenta” (LACAN, 1959-60, p. 256).

Noutras palavras, e pensando nos epítetos cunhados à poética produzida por Augusto dos Anjos como “poeta da morte”, “poeta do hediondo” ou “poeta do trágico”, observamos a tendência de se reduzir o poeta à sua obra, de modo que o conceito de pulsão de morte parece desarticulado em relação ao âmbito histórico, no qual se situa em função do significante. Com efeito, o que Lacan dispõe como sublimação tem relação com a Coisa ou “o que do real [...] primordial padece do significante” (*Ibid.*, p. 149). Mais adiante, no Seminário 11, Lacan (1964) diz que, se para Freud a sublimação é satisfação à pulsão, ela é inibida, ou seja, não é atingida por completo. Acrescenta ainda que a satisfação é paradoxal, ao entrar em jogo o real como impossível: “O real é o obstáculo ao princípio de prazer. O real é o choque [...] se distingue por sua dessexualização” (p. 159). No entanto, associar o termo dessexualização ao de sublimação é algo paradoxal, adverte Porge (2019).

A fórmula que Lacan propõe para a sublimação, no Seminário 7, é que nela se

eleva o objeto à dignidade da Coisa. Isso quer dizer que “por trás de todo e qualquer objeto sexual, esconde-se o vazio da Coisa; assim, o que importa é a indicação desse vazio, enquanto inerente à própria estrutura da sexualidade humana” (JORGE, 2000, p. 156). Ora, o poeta Augusto dos Anjos escreveu um único livro – *Eu*, diante do qual se alude que esse objeto de criação poética foi elevado à dignidade da Coisa, sendo também um objeto valorizado e reconhecido no laço social. O poeta experimentou desse reconhecimento, ainda em vida, ao escrever cartas à sua mãe, nas quais narrava sobre as críticas publicadas ao *Eu*. O *Eu* escandalizou alguns e, ao mesmo tempo, teve uma ótima recepção de outros. Com a morte prematura de Augusto dos Anjos, o *Eu* e outras poesias recebeu diversas edições, e o efeito de a Coisa augustiana permaneceu nas dimensões simbólica, imaginária e real engendradas na Cultura. Aludimos, aqui, ao biógrafo Magalhães Jr. sobre a morte do poeta paraibano, ao escrever que ele “já agonizante, mirou seu rosto escaveirado num espelho de bolso. Ardia em febre e exclamou: ‘Esta centelha não se apagará’” (MAGALHÃES, 1977, p. 269).

Finalizamos com a primeira e última sextilha de Poema Negro, escrito em 1906:

*Para iludir minha desgraça, estudo.
Intimamente sei que não me iludo.
Para onde vou (o mundo inteiro o nota)
Nos meus olhares fúnebres, carrego
A indiferença estúpida de um cego
E o ar indolente de um chinês idiota!*

*Ao terminar este sentido poema
Onde vazei a minha dor suprema
Tenho os olhos em lágrimas imersos...
Rola-me na cabeça o cérebro oco.
Por ventura, meu Deus, estarei louco?!
Daqui por diante não farei mais versos.*

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. *Augusto dos Anjos Obra Completa*. Organização Alexei Bueno, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BELTRÃO, R. L.; BRAGA, H. R.; CARVALHO, A.L.T.; FONTE, M.L.A.; FREIRE, J.C.; LUCENA, W. A. Ó; LUNA, I.C. *Pulsão de morte e criação*. Texto apresentado no XI Encontro Nacional e Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise em 14/11/2020, pela Plataforma Zoom.

CARVALHO, Ana Lúcia Teixeira. *Cartas marcadas pela dor de existir*. Tese de doutorado do Programa de pós-Graduação em Letras – UFPB, João Pessoa, 2007.

FREUD, Sigmund. (1913) “Tótem y tabú”. In: *Obras Completas*, v. XIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

_____. (1915) “Pulsiones y destinos de pulsión”. In: *Obras Completas*, v. XIV. Op cit.

_____. (1920) “Más allá del principio de placer”. In: *Obras Completas*, v. XVIII. Op cit.

_____. (1930) *El malestar en la cultura*. In: *Obras Completas*, v. XXI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*, v 1: *as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

LACAN, Jacques. (1959-60) *O seminário*, livro 7, *A ética da psicanálise*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____. (1964) *O seminário*, livro 11, *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

MAGALHÃES, Raimundo Jr. *Poesia e vida de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

PORGE, Erik. *Sublimação, uma Erótica para a Psicanálise*. Tradução de Paulo Sergio de Souza Junior. São Paulo: Allier, 2019.

VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

VIDAL, Ademar. *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1967.

ANA LUCIA TEIXEIRA DE CARVALHO é Psicanalista; Psicóloga; Fundadora e Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Núcleo João Pessoa; Mestre em Psicologia Social e Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Professora da FCM-AFYA.

analuciatcarvalho@gmail.com

Trabalho apresentado na I Jornada do Instituto VOX, em 26 de fevereiro de 2021.

TRAVESSIA DA FANTASIA, TRABALHO DE LUTO E SOLIDÃO

Por ELIZABETH CRISTINA LANDI

No percurso de uma análise, o sujeito é convocado deixar cair suas ilusões, e isso exige um trabalho de desinvestimento na fantasia que antes o sustentava na velha e repetitiva posição sintomática. O saber oriundo desse modo organizado de fazer frente ao real, que é a fantasia, vai se esburacando e perdendo a consistência. Tal aproximação do furo no saber é a própria experiência de perder o gozo relativo ao falo, pois este semblante falha, é insuficiente para responder ao real em jogo na travessia de uma análise. Tendo em vista essa limitação do semblante fálico, algo cai, se perde e convoca um trabalho de luto do falo.

Trata-se do enfrentamento da perda do falo enquanto significante que estrutura o campo do Outro, que não tem todos os significantes para responder ao real. Essa perda implica uma cessão de uma libra de carne, por isso a grafia da castração é a redução do falo escrito com o *phi* maiúsculo (Φ) para o falo negatizado, escrito com um sinal negativo ($-\phi$). A partir da castração, um objeto qualquer, objeto *a*, ocupará o lugar de objeto causa do desejo. Nesse sentido, a perda do falo instituirá o movimento desejante causado pelo objeto *a*, assim, podemos dizer que o luto é uma passagem necessária à promoção do desejo.

O luto é o trabalho de desmascaramento do que oferecia alguma sustentação para o sujeito e revela tanto a face real do objeto *a*, por isso não é sem angústia, quanto a face simbólica, incitadora do desejo. O percurso de uma análise, ao promover a perda de gozo relativa à queda dos ideais fálicos que sustentavam o sujeito, não deixa de ser a programação de um luto, com toda a angústia que ele inclui (SOLER, 2005). Podemos dizer que o trabalho de luto implicado numa análise leva o sujeito a passar do aprisionamento à sustentação fálica, que pretende ilusoriamente fazer um muro frente ao real, a uma certa intimidade com a falta, conseqüentemente com o desejo.

Lacan (1967/2003), em *Proposição de 9 de outubro de 1967*, texto no qual trata da passagem de analisante a analista e do fim da análise, abrevia a estrutura acerca da transferência dizendo que o analisante se depara com “o resto que, como determinante de sua divisão, o faz decair de sua fantasia e o destitui como sujeito” (p. 257). A destituição subjetiva é efeito de um enorme trabalho de luto: luto do falo, luto do Outro, luto do analista. E se produz pelo enfrentamento da verdade acerca da lei do desejo e pelo acolhimento do gozo que resta irrepresentável. A passagem de analisante a analista inclui a divisão do sujeito e “nessa

reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser” (p. 259).

O caminho de uma análise abala a estabilidade que o sujeito encontrava na fantasia, faz vacilar as certezas do ser, conduzindo-o ao ‘des-ser’. Destituído subjetivamente, abre-se outra possibilidade de fazer frente ao real, não sem o luto, causado justamente pelo que cai da fantasia. Trata-se da passagem da fixidez de gozo, da substancialização do gozo fálico, narcísico, à dimensão do despertar para o desejo, que inclui necessariamente o furo no saber. Haveria aí uma aproximação dessa dimensão ao gozo feminino? Talvez sim, em função da convocação a desatrelar-se um tanto das amarras fálicas, efeito do trabalho de luto, frente que escamoteia a castração. Há um furo real no saber, que é, tal como a posição feminina de gozo, não-todo, e aproximar-se dele é o trabalho de uma análise. A destituição subjetiva, o ‘des-ser’ de um sujeito ao final de sua análise possibilita a ocupação do lugar de objeto *a*, a partir do qual poderá conduzir a análise de um outro. Nesse sentido, é necessário o luto do falo e a passagem ao lugar de objeto causa de desejo para ocupar o lugar do analista.

Nesse ponto, parece haver uma proximidade do lugar do analista com a posição feminina, na medida em que se trata de uma posição na qual o ancoramento no saber é não-todo, haja visto que o ponto mais extremo de uma análise é, segundo Denise Maurano (2001), \bar{A} Mulher, lugar que corresponde ao limite do sentido, do saber. \bar{A} Mulher, barrada por ser não-toda fálica, incita a ultrapassagem das ilusões, as quais

mascararam o desejo ou reduzem-no à demanda.

O caminho de uma análise conduz a ir até o fim com o desejo, a não ceder dele, o que não se faz sem pagar o preço do não-ser. Um analista, que para tanto leva sua análise até esse fim, faz uma passagem que pode autorizá-lo a ocupar o lugar onde ele não é enquanto sujeito, onde faz semblante de objeto *a* e coloca em andamento uma outra análise. Há nisso alguma solidão?

Lacan (1967/2003, p. 248) parte do princípio de que “o psicanalista só se autoriza de si mesmo”, ainda que a escola sustente que um analista dependa da sua formação. Além disso, retoma esse princípio alguns anos depois, em *Nota italiana*, para contrapor autorização a auto(rituali)zação, o que implica em assumir que não há rito que sustente a falácia do ser psicanalista, uma vez que “é do não-todo que depende o analista” (LACAN, 1982/2003, p. 312). O não-todo diz respeito a frequentar uma posição feminina, a qual se endereça à falta significante no Outro, escrita com o matema $S(\bar{A})$. Não havendo como sustentar o ‘ser psicanalista’, que o engessaria numa fantasia imaginária, a proposição lacaniana é que não se faz um analista sem levar em conta o real. É o que nos diz: “O analista aloja um outro saber, num outro lugar, mas que deve levar em conta o saber real” (p. 312). O desejo inédito que sustenta a causa analítica advém do lugar de resto, rebotalho, ao qual ele será lançado por efeito da destituição subjetiva, ao final de uma análise. O lugar do analista no seu discurso é o de resto, objeto *a*, que se deixa cair do Outro, marcando a perda de gozo que institui a barra no sujeito e no Outro. A humanidade nada quer saber acerca do real, e o analista, sendo seu rebotalho, “porta essa marca do desejo de

saber. (...) O desejo de saber, assim, seria aquele que emergiria após a fantasia ter sido atravessada e, portanto, estaria intimamente articulado com o real” (JORGE, 2006, p. 250-251).

Por um lado, o percurso em que um analisante faz a passagem ao lugar de analista o levará à sua destituição enquanto sujeito, e daí se constatará resto do Outro. Por outro lado, sua passagem a analista é um fazer com esse resto, que se presta a funcionar como causa de desejo provocando novas análises, sustentado no desejo de saber daquilo que toca o real. É em solidão que um analista atravessa sua própria análise e se presta ao lugar de rebotalho para um analisante, ainda que a autorização por si mesmo se faça em companhia de alguns outros. A solidão que um analista conhece, derivada da sua análise, deixa-o sem o apoio no todo da função fálica, pois já está advertido que não há Outro a responder seu apelo.

No *Ato de fundação*, Lacan (1964/2003, p. 235) declara: “Fundo – tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica – a Escola Francesa de Psicanálise, da qual garantirei (...) pessoalmente a direção”. Alguns anos depois, retoma essa frase para esclarecer a diferença entre a solidão do analista em seu ato, seu ser só (*être seul*) e a convicção de “ser o único” (*être le seul*) (LACAN (1967/2003). A solidão do ato de fundação da escola não faz de Lacan o único, afinal funda a escola que é lugar de muitos. A questão é que, ao se revestir desse “ser o único”, o analista demonstra a miragem que faz dele uma exceção frente aos outros. Lacan denuncia o narcisismo e a vaidade implicados no funcionamento do “ser o único”, que serve “de casula para o objeto a

que do sujeito faz a miséria” (p. 267). Ser só não se confunde com ser o único, mas a solidão do ato pode fazer com que o analista se vista contrafobicamente com a autonomia egóica. É como se, nessa condição de “ser o único”, o analista se identificasse, de maneira megalomaniaca, com o Outro, sustentando um isolamento que nada tem a ver com a solidão do ato analítico (QUINET, 2009).

No ato analítico, o analista está só, mas não isolado, pois é uma solidão que faz laço social, pela via do discurso do analista. Além disso, a experiência da escola é um laço, via transferência de trabalho, que não abona a conta que cada um paga, sozinho, por responsabilizar-se por seu ato. Não procede de um Outro a decisão do ato analítico, a não ser de sua própria análise, lugar em que, a par da companhia do seu analista, realizou a sós uma travessia singular, que o destinou ao encontro com a falha no Outro, S(A). Restará ao trabalho na escola a possibilidade de publicar os efeitos do ato solitário, endereçado ao real e não-todo amparado na lei simbólica.

Esse percurso remete à morte, ao indizível, ao irrepresentável, ao feminino, não-todo recoberto pelo significante. Diante desse jogo com o real, o belo, apreensível “na pontualidade da transição da vida à morte”, como diz Lacan (1959-60/1997, p. 356), é presença que recobre o vazio, a ausência, como uma renda, que deixa vaziar por entre seus furos, o que ela não tampona. Se o ato solitário de um analista não está ligado à conformidade às normas, referido ao bem, é porque se sustenta no belo, que desarma o desejo e se aproxima do *héteros*, lugar da diferença que comporta a tensão entre vida e morte.

Não seria a esse limite tenso no qual vida e morte se encontram que uma análise levaria o sujeito? Lá, onde “não deve esperar a ajuda de ninguém” (LACAN, 1959-60/1997, p. 364), abre-se a possibilidade de extrair um fazer outro, que não elimina nem a vida, nem a morte, mas mantém seu entrecruzamento. O encaminhamento ético de uma análise conduz, assim, a um ponto de solidão em que o desejo é sustentado na sua diferença, sem o amparo na moral relativa ao bem. Esse caminho leva a consentir que há um furo no saber, que nem tudo pode ser recoberto pelo simbólico. Com isso, a travessia de uma análise lança o sujeito na solidão, em que ele não conta com o amparo do Outro simbólico e despoja-se do todo das vestes fálicas para ocupar o lugar de semblante do objeto *a* e promover, do lugar de analista, outras análises.

REFERÊNCIAS

- JORGE, Marco Antonio Coutinho. O desejo de saber como laço entre analistas. Um comentário sobre Nota italiana. In: Jorge, M.A.C. (org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.
- LACAN, Jacques. (1959-60). *O Seminário*, livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. (1967) “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. (1982) Nota italiana. In: *Outros Escritos*. Op cit.
- MAURANO, Denise. *A Face Oculta do Amor: a Tragédia à Luz da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago e Ed. UFJF, 2001.
- QUINET, Antonio. *A estranheza da psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ELIZABETH CRISTINA LANDI é Psicanalista; Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Goiânia; Doutora pela Universidade de Brasília – UnB; Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal de Goiás – UFG e da PUC-Goiás.

elizabethclandi@gmail.com

Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional e VII Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, em São Luís (MA), novembro de 2017.

2011: A REINVENÇÃO DA VIDA

Por IZAURA DE FATIMA MACHADO GAZEN e
COLETIVO DO NÚCLEO NOVA FRIBURGO (RJ)

Viver é reinventar sentidos e possibilidades. Reinventar o simples e o extraordinário. Reinventar o que aprendemos, perdemos, amamos e criamos. No entanto, há situações em que reinventar torna-se muito, muito difícil. Cada vez mais, essas circunstâncias se tornam frequentes em nosso planeta, em nossa terra. São cenas de guerras, furacões, tsunamis, terremotos, fome, erupções vulcânicas, incêndios, secas, inundações e pandemias, em uma mistura de apocalipse, descaso, abandono de autoridades e governos. Assistimos a esses eventos, que parecem filmes de ficção científica.

É muito diferente quando estamos lá, quando a montanha de terra, lixo, lama e corpos é em nossa rua, em nossa cidade, nas montanhas em que vivemos.

O desastre ambiental tem consequências semelhantes às guerras, que esfrangalham, evisceram, calcinam, esquartejam e devastam. “Sem dúvida, a paisagem de uma cidade não é feita de carne. Porém prédios destruídos são quase tão eloquentes como cadáveres na rua!” – como nos diz Susan Sontag (2003, p.13), em seu livro *Diante da dor dos outros*. Não por acaso, mas por sua extraordinária apreensão da constituição humana, Freud, em *O mal-estar na civilização*, ao mencionar os obstáculos à felicidade, aponta que:

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e a dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos (FREUD, 1930, p.31).

Chama nossa atenção que, ao mencionar as três fontes de sofrimento, Freud as aponta como distintas. Todavia, no contexto da guerra e da catástrofe ambiental, essas três poderosas ameaças ao princípio do prazer são reunidas e potencializam as dificuldades de enfrentamento com o real.

Em 12 de janeiro de 2011, sete municípios da região serrana do Rio de Janeiro foram atingidos por 400 milímetros de chuva em uma única noite. Organizações de defesa de direitos calculam que as perdas podem chegar a dez vezes mais do que foi oficialmente informado.

Freud (1895) faz ver que desamparados chegamos ao mundo, e essa condição coloca todo ser humano numa relação de dependência de uma ação específica vinda do outro do cuidado. A cada novo encontro, são percorridos certos trilhamentos, deixados pelas experiências de dor e satisfação. Encontramos, então, na ideia de desamparo, uma experiência fundante que estrutura o psiquismo e a condição humana. O trauma, por sua vez, está diretamente ligado ao estado de impotência e

desamparo do sujeito, condição que se acentua nos cenários de guerras e desastres.

A guerra deu a Freud a oportunidade de trabalhar e compreender um tipo de neurose de etiologia não sexual, da mesma ordem de outras neuroses traumáticas passíveis de se desenvolverem em pessoas que nunca estiveram em uma guerra, aparecendo em tempos de paz em função de algum outro grande evento. A repetição incessante dessa experiência traumática levou Freud a reconhecer que nem sempre o psiquismo busca obter o prazer e evitar o desprazer. Freud (1920), em *Mais além do princípio do prazer*, descobriu uma compulsão à repetição não do prazer, mas do desprazer, nos sonhos traumáticos e nas brincadeiras infantis.

A noção de trauma perpassa toda obra freudiana e, desde então, a psicanálise se apresenta como uma teoria e uma clínica capaz de tratar o sofrimento psíquico de vivências traumáticas decorrentes de diferentes situações. Em nossa discussão, nos serviremos daquilo que consideramos um oportuno desdobramento da teoria psicanalítica, conforme apresentado por Alain Didier-Weill, que nos ajudará a pensar o sujeito atingido pelo que decidimos chamar de trauma coletivo.

Segundo nos propõe Alain Didier-Weill (2012), o real, pelo qual o corpo vem à cena, será encadeado pelo simbólico e imaginário, três registros que se avizinham segundo um tipo de fronteira. Estas distinções separadoras impedem a confusão caótica. Todavia, há situações, como a que apresentamos no curso deste trabalho, em que o real não é mais contido pelo imaginário e simbólico, produzindo, no lugar da separação, um contato. Nestes casos,

estão em perigo a palavra, a imagem e o corpo.

Para Alain-Didier Weill, a escansão é o que deve restaurar a transcendência entre R, S, I:

Escandir é transcender; transcender é a distinção absoluta. É transcender o real, estabelecer entre o real, o simbólico e o imaginário uma dimensão transcendente. Quando isto opera, estabelece-se uma interdição que torna impossível, no sujeito, o contato entre real e simbólico (DIDIER-WEILL, 2012, p. 25).

O que pode criar uma escansão entre S e I, devolvendo vida ao corpo do deprimido, é o ritmo. O ritmo é o que há de mais assemântico e que não tem nenhum sentido. Como analistas, trabalhamos com a palavra e o silêncio. O ritmo, assim como a música, nos leva para além do sentido que a separação da palavra promove.

Quando o simbólico e o imaginário estão em contato, e o sujeito se vê transparente diante do olhar do Outro, ele se vê reduzido a um objeto rubescente, sentindo-se envergonhado. O olhar fascinante que petrifica deve ser substituído por outro olhar. O olhar do pintor:

Denomino 'olhar do pintor' este olhar que não apenas pode ver e mostrar o invisível, mas que, ao ver o invisível, o faz aparecer e o faz com toda clareza. O enigma do invisível que o olhar do pintor pode fazer aparecer é um segredo, um segredo que não tem necessidade de sombras para se esconder como a maioria dos segredos (ibid., p. 27).

Por fim, quando há contato entre o real e o simbólico e o sujeito perde a fala, o tipo de escansão que deve ser introduzida é aquela própria ao significante siderante. Didier-Weill (1997) aproxima o significante siderante ao chiste, o que aponta para a possibilidade de restituir a palavra a quem perdeu a fala. Isso não é explicável, exige feeling e sorte.

Em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud (1905) coloca em destaque duas palavras que nos permitem compreender o próprio fundamento do chiste, a sideração (*Verblüffung*) e a luz, dois tempos lógicos diferentes.

A sideração é o poder através do qual a linguagem opera sua própria abolição, de tal forma que o sentido é substituído pelo não-senso de que é portadora. Freud situa esse não-senso como a dimensão siderante do ininteligível, do incompreensível e do enigmático (DIDIER-WEILL, 1997).

O significante sideração, *Verblüffung*, porta diversas significações na língua alemã. O primeiro sentido é a surpresa que só pode ser expressa em termos negativos: o inacreditável, o incrível. O segundo sentido, o espanto, vem acompanhado sempre da suspensão momentânea da fala. O terceiro sentido é o estupor, o qual designa um tipo de sideração que conduz ao silêncio, perpetuando-o. Este último sentido é o que nos interessa nessa discussão (*ibid.*).

Em 2011, enquanto atuávamos em psicologia de emergências e desastres, encontramos grupos de agricultores familiares, vizinhos em suas comunidades, siderados pela catástrofe. Só havia os significantes que giravam em torno da morte e da invasão do real na vida; as águas, as rochas e a lama se apoderaram do mundo. Na fração de um relâmpago, o mundo tal qual era conhecido desapareceu e em seu lugar ficaram as cicatrizes.

O susto se dá diante dessas marcas ou da ausência delas, como bairros e cidades desfigurados pela enxurrada. Em toda parte, há a falta, há a ausência das pessoas que nunca foram encontradas. Isso fala não

apenas da ausência, mas também do desaparecimento. Nele não apenas está perdido o direito ao ritual de despedida, ao funeral, mas também o direito de estar juridicamente morto.

Nas ações de solidariedade no pós-desastre dos municípios de Friburgo, Teresópolis e Petrópolis, oferecemos aos sobreviventes um conjunto de atividades, incluindo voz e corpo, espaço de acolhimento e escuta, reconhecimento de si mesmo e do território agora modificado pelo desastre. Situação de imensurável desamparo, diante do qual o simbólico se ofereceu de muitas formas: ONGs, organizações religiosas, voluntários, todos com alguma eficácia, porém com pouca elaboração teórica.

Quase dez anos se passaram. A produção discursiva acerca do tema é ainda bem modesta e exaustivamente construída pela psicologia social e pela sociologia, que vêm dedicando significativos esforços para a compreensão da tragédia humana resultante dos desastres.

Esperamos que nosso interesse pelo tema possa ser compartilhado e que outras contribuições venham enriquecer nossa incipiente discussão. No desastre na região serrana, atuamos de forma multidisciplinar, com profissionais de outras abordagens que participaram dessa construção coletiva.

Ao nos depararmos com a produção teórica de Didier-Weill, nos dedicamos a acompanhar seu pensamento, o qual constitui uma ferramenta fundamental para afinar nossa escuta e implementar um dispositivo capaz de acolher e de ouvir grupos e comunidades siderados pelos desastres, quer sejam ambientais ou de outra ordem. Entendemos que aqui há um

lugar em que a psicanálise pode intervir, quando nos deparamos com o trágico, com o extremamente frágil, com o insustentável – eventos traumáticos que afetam o indivíduo e a comunidade. Nesses momentos, diante do risco, do desamparo, da ruptura, somos bem-vindos e bem ditos por nosso cuidado.

Aprendemos que as palavras carregam significações as quais precisamos estar atentos. No caso de “desastre”, o “sem astro”, entendemos por sem luz. Pensamos que aqueles que estão siderados pelo desastre vivem uma experiência na qual perderam não somente o suporte da fala, mas também o suporte de sua imagem e do corpo próprio. O sujeito siderado é pura falta (DIDIER-WEILL, 1997).

A de-sideração seria esse ato humanizante pelo qual, nessa latência que Freud situa entre sideração e luz, o sujeito não permanecerá no nível de um só significante, na medida em que encontra sua divisão entre dois significantes. Para ter uma relação qualquer com o objeto que falta, objeto causa de desejo, o sujeito deve, de fato, ser dividido entre dois significantes que o introduzem ao semi-dizer da verdade. Cessando de ser a falta, não cessará de ter uma relação com a falta, que o instituirá como desejante, como de-siderado (ibid.).

Recebemos o encorajamento da transmissão de Didier-Weill como um convite a pensar tanto a reinvenção da vida quanto a reinvenção da experiência psicanalítica. Para além dos espaços tradicionais, podemos acolher e oferecer uma escuta a sujeitos siderados. Assim, poderão ascender à luz, ainda que saibamos da impossibilidade de elaborar totalmente

esse sofrimento, pois ficará um resto não simbolizável.

No alto das nossas montanhas, a vida continua sendo inventada e reinventada. Reencontramo-nos em preciosas descobertas, cheios de expectativas no desabrochar de uma flor, no germinar de novas sementes. Com criatividade e muita coragem, os sujeitos, em suas comunidades, vão, entre avanços e recuos, encontrando caminhos por onde sustentar seu desejo de permanecer em suas terras e prosseguir com seu trabalho, reconstruindo pontes simbólicas e imaginárias. Para essas pessoas que tudo perderam, a vida foi atravessada de tal forma pela má sorte que não podia ser retomada do ponto anterior ao desastre. Não bastava reconstruir suas casas e refazer suas plantações, era preciso se apropriar de outros saberes que os permitissem tratar essas tristes memórias como algo que não pode ser esquecido e que deve ser transmitido às gerações futuras de forma a não serem surpreendidas, mas a estar advertidas e alertas aos sinais de risco. Criaram, portanto, rádios comunitárias, incluíram-se em clubes de rádio amador, participaram de projetos de produção de plantas medicinais e fitoterápicos, se associaram para defender seus direitos a morar, trabalhar, pertencer, formar laços, se encontrar e ter esperança.

O tanto de força, de coragem, de desejo e de vida que comparece entre os que atravessaram a escuridão do desastre de 2011 permite pensar o quanto a morte confere sentido à vida, que se torna tão mais bela porque inquestionavelmente tem fim.

REFERÊNCIAS

DIDIER-WEILL, Alain. *Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Tradução Ana Maria de Alencar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *Lacan e a clínica psicanalítica*, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Contra Capa/ Corpo Freudiano – Seção Rio de Janeiro, 2012.

FREUD, Sigmund. (1950[1895]) “Projeto para uma Psicologia Científica”. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, volume I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905) “Os chistes e sua relação com o inconsciente”. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, volume VIII. Op. cit.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. *Obras Completas*, volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1930[1929]) “O mal-estar na civilização”. *Obras Completas*, volume 18. Tradução de Paulo César de Souza. Op. cit.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

IZAURA DE FATIMA MACHADO GAZEN é Psicanalista e Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Núcleo Nova Friburgo.

izauragazen@gmail.com

Demais autores: ANDREA GARCIA; DAYANA CUSTÓDIO RODRIGUES; FELIPE SADER; JULIANA ANTUNES MEDEIROS; LILA TATIANA QUEIROZ DE CARVALHO SOUZA; MIRIAM AMORIM.

Trabalho apresentado no X Encontro Nacional e X Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise: O valor da vida - 100 anos de Além do princípio de prazer, realizado nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2020.

O ÉDIPO DO MENINO É RESOLUTIVO COM O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO?

Por SILVIA MARIA DE SOUZA LEVY

Lacan afirma, aproximadamente até o fim dos anos sessenta, portanto antes de construir as fórmulas quânticas da diferença sexual, que não há a inscrição do significante do Outro sexo no inconsciente. No *Seminário 4* (1956-57), Lacan afirma que, no terceiro tempo do Édipo, nomeado de privação, o sujeito, diante do falo como dom, se posiciona do lado masculino, como aquele que tem ou do lado feminino, como aquele que não tem.

A genialidade de Freud foi ter notado que as considerações anatômicas não servem de ajuda para tentar abordar a questão da diferença sexual no ser falante. A diferença sexual, para Freud, não está inscrita no real do corpo. O corpo é uma contingência e, como tal, não dá conta da posição masculina ou feminina diante do falo como dom.

Desde 1908, Freud reconhece um único órgão, aquele que designa, nesse momento em sua obra, de pênis. É no texto sobre as *Teorias Sexuais das Crianças* (1908), que Freud afirma que há inicialmente uma ignorância, um não saber sobre a diferença entre os sexos. É nesse não saber que se alojam as primeiras teorias sexuais infantis. Dito de outro modo, Freud identifica nas construções que as crianças fazem sobre a diferença dos sexos uma tentativa de produzir o saber em torno da descoberta de

que os meninos têm pênis e as meninas não têm.

Mas foi somente através do conhecimento da sexualidade infantil que se tornou possível para Freud compreender a mitologia e o mundo dos contos de fadas. A descoberta do complexo de Édipo na obra freudiana é um marco decisivo para a constituição da teoria psicanalítica. É a partir de tal descoberta que a postulação da existência da sexualidade infantil mostra-se inevitável.

Freud afirma que é errônea a atitude que muitos adultos tomam de não levar em consideração a vida sexual das crianças: "[...] até onde alcança minha experiência, elas são capazes de todas operações sexuais psíquicas e de muitas somáticas, não sendo correta, portanto a suposição de que a vida sexual do ser humano começa apenas na puberdade" (Freud, 1898, p. 307).

Com essa descoberta, Freud abandona definitivamente a sua teoria da sedução, em que acreditava que as experiências sexuais infantis eram sempre decorrentes da ação de fatores externos, em que se imputava a um outro (em geral um adulto) o papel de seduzir e traumatizar a criança. Mas a concepção do trauma não resistirá à investigação freudiana e será substituída pela fantasia. Mas não será qualquer

fantasia. A fantasia sexual, nos diz Freud desde a *Interpretação dos Sonhos*, se tece sempre em torno dos pais.

É nesse momento que se dá uma grande virada, talvez uma das mais importantes mudanças no pensamento freudiano. A partir daí, os traumas sexuais infantis são substituídos pelo infantilismo da sexualidade. Então, é o sexual que é traumático para o sujeito, e não o contrário. Daí, Lacan pode conceber a noção de traumatismo como contingência.

Embora a tese da existência da sexualidade infantil tenha sido enunciada por Freud, somente nos *Três Ensaios sobre a sexualidade*, ela vinha sendo insinuada já há algum tempo. Segundo Kaufmann, é nesse período – que vai de 1897 a 1900 – que Freud, diante de uma crise teórica e pessoal, escreve uma carta a Fliess, na qual interpreta, pela primeira vez, a tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, fazendo dela o ponto nodal de um desejo incestuoso infantil: "Encontrei em mim, como em toda parte sentimentos amorosos em relação à minha mãe e de ciúme a respeito de meu pai, sentimentos estes que, penso eu, são comuns à todas as crianças pequenas, mesmo quando seu aparecimento não é tão precoce quanto naquelas que ficam histéricas (de maneira análoga a romanização da origem dos paranoicos - heróis fundadores de religiões). Se realmente é assim, é compreensível, à despeito de todas as objeções racionais que se opõe a hipótese de uma fatalidade inexorável o efeito cativante de Édipo Rei (...). A lenda grega apoderou-se de uma compulsão que todos reconhecem, porque todos a sentiram. Todo expectador, um dia, foi um germe, na imaginação, um Édipo, e se assombra diante da realização de seu sonho,

transposto para a realidade" (Freud, 1897, p. 358).

A história da teoria freudiana sobre a sexualidade do menino tem início com a grande importância que Freud dá à figura materna no destino do homem. O papel fundamental da mãe na vida do filho aparece muito cedo nas construções teóricas de Freud. Embora, em 1905, ele considere a mãe o primeiro objeto sexual para os dois sexos, em função "de o seio materno ser paradigmático para todo vínculo de amor" (Freud, 1905 p. 229), na sua primeira teoria sobre o Édipo, é a mãe o primeiro objeto de amor do menino e da menina.

Daí, se pode dizer que Freud descobriu o complexo de Édipo quando faz a leitura da tragédia de Sófocles, *Édipo-Rei*: desejo pela mãe e o desejo de assassino pelo pai, que é tomado como rival. Só muito depois, que Freud observa que o menino se identifica com o pai e coloca a mãe no lugar de objeto de amor.

Nesse momento da pesquisa freudiana, não há, pois, uma articulação entre a primeira teoria da sexualidade (na qual a mãe constituía o primeiro objeto de amor para todos os sexos) e a primeira teoria freudiana do complexo de Édipo (na qual a mãe só aparece como primeiro objeto de amor para o menino, e não para a menina). Com efeito, serão necessários muitos anos para que Freud faça claramente do Édipo um conceito fundador. Isso se dá, quando ele articula o complexo de Édipo com o complexo de castração.

Em 1923, diz Freud que o pênis se apresenta pela vertente da presença no homem e pela vertente da ausência na mulher, isto é: a

referência ao pênis é uma constante para ambos os sexos. É pela teoria da castração que Freud vai rever sua posição da maneira como as mulheres se posicionam diante da falta anatômica do pênis.

Em seu texto *Sobre as Teorias Sexuais Infantis* (1908), ele afirma que a criança atribui um pênis a todos os seres. Embora mencione tratar-se de uma crença infantil, nesse momento, ele ainda baseia suas conclusões sobre a reação do menino diante da falta que constata quanto à anatomia feminina comparada à masculina. Dito de outra forma, as informações sobre a sexualidade infantil foram obtidas do estudo de homens, e a teoria delas deduzida se relacionava a crianças do sexo masculino. Foi notadamente em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) e no artigo de 1925, *Algumas Consequências Psíquicas sobre a Diferença Anatômica dos Sexos*, que Freud começa a construir uma teoria sobre a sexualidade feminina.

Mas o curioso disso é que exatamente no texto em que Freud elucida de maneira mais definitiva e consistente a diferença sexual, isto é, a assimetria que há entre a sexualidade do homem e da mulher, é também nesse texto que ele coloca em questão, e abre para discussão, aquilo que antes para ele parecia não haver dúvida: o postulado de que o Édipo do menino é resolutivo porque é destruído com o complexo de castração.

Os homens têm tanta certeza de que são homens que chegam mesmo a duvidar. Assim me disse um analisando aos sessenta anos: "Doutora, eu sempre tive minha mulher e uma amante. Sempre dei conta do recado com as duas. Tudo ia bem na minha vida até o dia em que eu brochei na relação

sexual com a minha amante. Aí foi o meu fim! A minha vida acabou. Tenho tido pensamentos horríveis, em geral com homens. Será que eu passei para o outro lado? Estou deprimido, parece que a vida perdeu o sentido".

O recado certamente é aquele que ele recebeu do pai – a Lei da interdição do incesto: com essa não, com todas as outras sim. Para esse senhor, parece existirem somente duas possibilidades: ou ele é homem ou ele passou para o outro lado, ou seja, é homossexual.

A virilidade, para o homem, parece estar vinculada à potência do órgão. Se ele funciona, então ele é homem, se não funciona, então deixa de ser. Ser homem, no caso, equivale a ser heterossexual: "Será que eu passei para o outro lado? "Não seria isso o que Freud chama de empuxo à virilidade, do lado do menino, como sendo rebelião contra a posição passiva ou feminina de um outro homem?

No texto *Análise Terminável e Interminável* (1937), Freud observa que, do lado do homem, o esforço por ser masculino é completamente egossintônico desde o início; a atitude passiva, de uma vez que pressupõe uma aceitação da castração, é energeticamente recalcada, e amiúde sua presença só é indicada por supercompensações excessivas. Parece que haveria para o homem uma exigência de ser homem, como se ele se sentisse ameaçado de nunca sê-lo suficientemente.

Ora, sabemos que o menino abre mão do seu desejo incestuoso pela sua mãe sob a pena de não perder, ou melhor, de preservar aquilo que ele tem de mais valioso: seu pênis.

O complexo de castração é o resultado de uma interdição que incide sobre o gozo da mãe. Freud, ao descrevê-lo pela primeira vez, deu um lugar de destaque à visão da diferença anatômica entre os sexos. Ele diz que quando o menino descobre o sexo feminino, ele "escotomiza" sua percepção: vê um pênis onde não há.

No artigo sobre *A organização genital infantil*, de 1923, o menino percebe na mulher uma ausência de pênis e a concebe como castrada na medida em que ele próprio já foi exposto a uma ameaça de castração: "a despeito das aparências ele continua a estabelecer uma simetria entre os dois sexos e formula implicitamente a hipótese de que a mulher foi submetida aquilo de que ele mesmo está ameaçado" (POMMIER, 1987, p. 17).

Foi só em 1927, no artigo *Fetichismo*, que aparece uma nova noção, a da negação, que permite conjugar, ao mesmo tempo, a castração e a recusa. Sabemos que a castração, longe de se reduzir ao temor de uma mutilação anatômica, se efetiva no momento em que o sujeito, menina ou menino, constatam que o desejo materno se orienta para outro que não a criança. Lacan, ao construir o conceito de falo, permite nomear o enigma do desejo da mãe, na medida que o falo, como objeto do desejo, é o que falta. O falo, portanto, é aquilo que uma mãe demanda, permitindo nomear o enigma de seu desejo, que é a própria falta. E é por essa razão, que é diferente do membro viril. O falo é pura diferença, nos diz Lacan. Sua posição é apenas correlativa do desejo, e só se pode situar graças ao significante paterno. A prevalência do falo, portanto, não se dá pela diferença anatômica entre os sexos.

Um homem de meia-idade chega ao consultório com a queixa de que em sua vida nada mais tem sentido: "a vida não tem mais graça". Encontra-se desanimado e deprimido. Relata que desde o dia em que sua mulher descobriu que ele tinha uma amante, e isso havia dado a maior confusão, resolveu, então, romper seu relacionamento extraconjugal e ficar só com sua mulher. Desde então, seu desempenho sexual não foi mais o mesmo. Assim diz ele: "Meu pai me disse, quando eu ainda era um menino, o seguinte: meu filho, um homem não pode ter só uma mulher, senão ele brocha. Um homem precisa ter outras mulheres para não perder a tarimba".

É verdade que os homens traem mais que as mulheres. Isso é histórico; dizem que é cultural. Para eles, é muito natural, mas para elas, hum... Disse-me um analisando: "As mulheres não entendem que quando um homem procura uma mulher na rua, acaba descobrindo que é a sua mulher que ele ama, e retorna mais apaixonado. As mulheres não deveriam se preocupar quando o homem dá suas puladas de cerca, é coisa de macho, é da nossa natureza".

O falo designa inicialmente a falta, o ponto de impossibilidade; o significante não pode definir a si mesmo e convoca um outro. A identificação ao falo é uma operação que faz da mãe, tanto para o menino como para a menina, uma mulher fálica. "Independentemente do sexo anatômico ao qual pertence, toda criança é sempre menino para a mãe, por constituir um substituto fálico para ela (ZALCBURG, 2003).

Embora o registro instituído pela intervenção simbólica do pai na relação mãe-criança deixe tanto na menina quanto no menino uma mesma marca – uma

identificação viril com o pai – o destino dessa marca não será o mesmo num e noutro caso. Para o menino, a identificação masculina recebida do pai é, em princípio, resolutiva de seu Édipo, porque marca sua separação com a mãe.

Se assim fosse, por que então os meninos à saída do Édipo, muito mais do que as meninas, procuram respostas que possam assegurar-lhes sua posição? Eles se perguntam: o que vem a ser um menino? Buscam traços imaginários que possam lhe assegurar de sua posição: “Quem sabe se eu falar mais grosso, me vestir assim ou assado, brincar disso e não daquilo”. Tentam, enfim, buscar códigos que os enquadrem, que lhes deem certeza que estariam identificados à posição de meninos. Do contrário, seriam “bichinhas”, “veadinhos” etc.

Uma menina, por exemplo, não se pergunta se ela é sapatão ao brincar de papagaio, pipa, brincadeiras consideradas culturalmente “de meninos”. Já eles, qualquer deslize pode ser fatal; logo recebem dos colegas que aquele tal ou qual comportamento é coisa de “veadinho”. Eles têm que andar na linha, na linha do masculino, senão caem na chacota dos colegas do colégio.

Um analisando relatou-me que, desde menino, achava que era “veado” pelo simples fato de que os meninos do seu colégio diziam que – porque ele era fraco, magrinho, não gostava de futebol, gostava de conversar e brincar com as meninas, não brigava – ele não era homem. Chegou ao ponto de ser chamado de “noivinha” de um menino de sua sala. Isso o perturbou toda a sua infância.

Por que será que um menino fica tão perturbado, algumas vezes enfurecido,

chegando mesmo a brigar fisicamente, quando é chamado de “veado”? Não deveria ser o contrário, já que o menino recebe do pai seu traço identificatório? Por que precisam constantemente garantir que são homens e que não são “veados”? Não deveriam estar mais certos de sua posição sexual por terem recebido seu traço identificatório? Diferentemente da mulher, já que esta não tem identificação, mas sim identificações que exprimem a falta de consistência do traço identificatório e que revelam a impossibilidade de definir um modelo feminino.

A menina, embora precise da identificação masculina para se estruturar como sujeito, isso não resolve sua questão identificatória. Ela ainda terá a saída do Édipo de continuar a procurar uma identificação feminina junto a sua mãe, mulher como ela. Com isso, o processo edípico, no caso da menina, deixa um resto na condição de separação com a mãe.

No que se refere à identidade feminina, esta sempre será problemática, mesmo depois desta volta que ela dá em direção à mãe. Não existe um traço que garanta sua posição feminina. Segundo Elizabeth, ela vai sempre vacilar, apesar de Luis Melodia dizer que “uma mulher não deve vacilar”. No entanto, ela não acha que vai se tornar homossexual porque não transou bem ou porque não tem desejo sexual. Isso, aliás, é bem coisa de mulher, ou seja, a garantia de sua posição sexual não está no bom desempenho do órgão. Sendo assim, as meninas não ficam apavoradas com medo de “passar para o outro lado”. Se as meninas, então, não temem, como diz o povo, “cambar para o outro lado”, não haveria uma maior preocupação no que diz respeito a sua posição sexual?

Inclusive, porque se fosse esta sua fiança, ela estaria em maus lençóis. Como diz Lacan (1957-58), citando Helen Deutsch, uma mulher pode sentir satisfação plena sem ter gozo sexual. Será mesmo?

Lacan introduziu as fórmulas da sexuação para dar conta da maneira como "as duas metades da humanidade", referindo-se aos dois sexos, posicionam-se diante da lei fálica. Dependendo de que lado das fórmulas da sexuação o sujeito se posiciona, ele pode-se dizer homem ou mulher. É homem todo aquele que se coloca do lado todo fálico; é mulher todo sujeito que se coloca do lado não todo fálico. Os que se posicionam de modo masculino são totalmente submetidos à castração. Daí, poder se dizer que ao homem só é autorizado a ter um único gozo, o gozo sexual, porque ele só goza do órgão. Sendo assim, seu gozo é limitado.

Esse limite próprio do gozo masculino não o levaria necessariamente à busca de uma quantidade maior de parceiras sexuais? A infidelidade masculina não seria, nesse sentido, a tentativa de acumular o número suficiente de mulheres para fazer existir A Mulher?

Sabemos também que traição para o homem é bem menos tolerável do que para as mulheres. Certa vez, um analisando revelou-me numa sessão que "se a minha mulher me trair, eu largo dela e ainda levo minhas duas filhas comigo". Em geral, quando um homem descobre que sua mulher o traiu, foi infiel, para ele, é tão insuportável, que não vê outra saída senão acabar com a relação. Parece-lhe estranho, assustador. Acho mesmo que é estranho à sua constituição subjetiva de menino.

A mulher, ao contrário, ainda que se desespere, comumente perdoa, dá uma nova chance à relação, principalmente se ele lhe revela que, com a mulher que se relacionou, foi uma aventura ou nada significou para ele, foi só tesão e que é ela, a esposa, que ele ama. Uma analisanda disse-me certa vez, numa sessão, que sua avó aconselhou-a a não querer saber o que seu marido andava fazendo fora de casa. "Eles são todos iguais", disse sua avó, continuando: "São ordinários; para eles, só uma mulher não basta. Se a gente procurar, acha".

Todos aqueles que se colocam, então, do lado fálico são homens. E todos aquelas que se colocam fora da universalidade fálica são mulheres. "Uma mulher é assim como um homem e mais do que um homem. Como um homem, na lembrança de seu amor primeiro por sua mãe, que a faz ingressar no gozo fálico, e mais que um homem porque o amor que lhe é dirigido vem situá-la no centro do sonho masculino, fantasia que a transporta para mais além do falo, num Outro gozo". (POMMIER, 1987 p. 32).

Lacan (1958) observa, no texto *A significação do falo*, que a posição masculina não é de modo algum paralela à posição feminina. Ele nos faz notar que a frigidez feminina é bem mais tolerada do que a impotência no homem. Isso se dá porque "a mulher quer ser desejada pelo que ela não é, e ao mesmo tempo amada" (p. 701). Para que ela possa ocupar esse lugar de ser o falo, ela vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade, principalmente, nos diz Lacan, todos seus atributos na mascarada. Mas ela encontra o significativo de seu desejo no corpo do homem, a quem destina sua demanda de amor.

Por outro lado, no homem, se ele chega efetivamente a satisfazer sua demanda de amor na relação com a mulher, fará com a condição de que o significante do falo a constitua bem como dando no amor o que ela não possui; inversamente, seu próprio desejo do falo, fará surgir seu significante na divergência remanescente, em direção a uma mulher.

Disso, podemos concluir que há uma especificidade de infidelidade em cada um dos casos. A infidelidade – seja masculina, seja feminina – parece ser uma busca sempre perdida. Do lado do homem, a busca da mãe e esposa, quer dizer, da mãe virgem e puta. Do lado feminino, essa busca de um mestre que valha por Deus, ou seja, sempre a tentativa, segundo Lacan, de pôr o homem na posição de Deus.

Quando uma amante quer se tornar esposa, e em geral todas almejam, perde o lugar, acaba dando lugar a uma nova amante. Freud (1912) nos indica, do lado do homem, o impossível de conciliar: a busca de uma mulher que esteja, ao mesmo tempo, numa posição de mãe, virginal, e de puta. Quer dizer que isso é da ordem do inconciliável.

Ainda no artigo sobre *A mais frequente degradação da vida amorosa* (1912), Freud vai observar que a vida amorosa do homem está dividida entre dois objetos. Essa divisão resulta em dois sentimentos: um dirigido à mãe, outro à prostituta pelo fato de haver proibição do incesto; a que é amada é estimada, enquanto a que causa o desejo é rebaixada. Tal clivagem entre o amor e o desejo parece necessitar da bigamia fundamental. Duas pessoas diferentes parecem dever ocupar os dois lugares que ela implica. "Se nem todo homem, entretanto, é bígamo, a mulher que ele ama

deve manter os dois papéis, pelo menos, para que o desejo sexual se acrescente ao amor" (POMMIER, 1987, p. 61). Essa tarefa não é fácil para o homem nem para a mulher, dado que se encontram em posições muito diferentes em relação ao falo.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. (1900) A interpretação de sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. VII. Op.cit.

_____. (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. IX. Op.cit.

_____. (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XI. Op.cit.

_____. (1923) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Op.cit.

_____. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Op.cit.

_____. (1925) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Op.cit.

_____. (1927) Fetichismo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Op.cit.

_____. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Op.cit.

LACAN, Jacques. (1956-57) *O Seminário*, livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. (1957-58) *O Seminário*, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. (1958) "A significação do falo". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

POMMIER, Gérard. *A exceção feminina: os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

ZALCBERG, Malvine. *A Relação Mãe e Filha*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

SILVIA MARIA DE SOUZA LEVY é Psicanalista; Psicóloga; Especialista em Psicologia Clínica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Belém; Professora adjunta III da Universidade da Amazônia – Unama; Organizadora do livro *A céu aberto: o inconsciente na clínica das psicoses*.

silviasouza10@gmail.com

INFORMES

Seção Paris (Fr)

CORPO FREUDIANO PARIS

Rencontres cliniques
Autour du fantasme

avec

Marco Antonio Coutinho Jorge*

"Ce qui est fort remarquable c'est le fait que tous les fantasmes originaires et même tous les fantasmes ont un dénominateur commun : l'énigme de la sexualité. [...] le fantasme inconscient est l'axiome de base de la structure psychique, axiome qui s'inscrit pour chaque sujet comme une forme particulière de faire face au réel, au non-savoir inhérent à la différence sexuelle."
(Coutinho Jorge, Marco Antonio. « Art et traversée du fantasme », *Insistance*, vol. n. 1, no. 1, 2005, pp. 145-153)

Dates des rencontres :

Dimanche 30 mai à 21 h "La clinique du fantasme" sur la plateforme zoom.

Dimanche 27 juin à 21 h "Amour et jouissance dans "Un enfant est battu" sur la plateforme zoom.


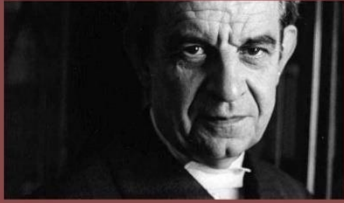
Dimanche 11 juillet à 21 h "Aimer, travailler et délibérer" sur la plateforme zoom.

Pour participer à la réunion Zoom
<https://us02web.zoom.us/j/81462667414?pwd=S3ovVXZOWkVFUzBSK3FRcnVOTWxwdz09>
ID de réunion : 814 8266 7414
Code secret : corpoparis

Seção Rio de Janeiro (RJ)

7^a
RODA
DE
CARTÉIS

Encontro para apresentação de trabalhos individuais

3 DE JULHO DE 2021, 9:30H
atividade aberta
Coordenação: Sonia Leite
Colaboração: Eleonora Chacur e Lucia Perez
ZOOM ID 814 7008 8341 senha 1234

Caros associados,

no dia 03 de julho de 2021, sábado as 9:30h acontecerá nossa 7ª Roda de Cartéis, com a apresentação dos produtos individuais. O trabalho a ser apresentado poderá já estar concluído ou em vias de conclusão. É possível também a apresentação de questões teóricas que tenham sido suscitadas durante a experiência do cartel ou mesmo o relato de impasses vividos em torno dessa experiência em seus efeitos de produção e de transmissão na Escola.

Todos os interessados deverão enviar o título da apresentação até 11 de junho.

Lembramos que a apresentação deverá ser breve, não ultrapassando o tempo de dez minutos, o que significa um trabalho escrito de no máximo quatro laudas. A ideia é possibilitar o aparecimento de alguns efeitos dessas comunicações na Roda e a troca entre os presentes.

A 7ª Roda é organizada pela Seção Rio de Janeiro mas podem apresentar trabalhos todos os colegas do Corpo que estejam realizando cartéis que incluam entre seus participantes, não só colegas do Rio de Janeiro, mas, também de outras seções ou núcleos.

O evento será aberto para todos os Núcleos e Seções do Corpo Freudiano. Qualquer dúvida ou esclarecimento entrem em contato conosco.

Abraços,
Sonia Leite, soniacleite@uol.com.br
Coordenadora de Ensino
Secretária de Cartéis

Colaboradoras:
Eleonora Chacur (Seção Campos), eleonoracn@gmail.com
Lucia Perez (Seção RJ), luciafreitasperez@gmail.com

Núcleo Macaé (RJ)



**Corpo Freudiano
Escola de Psicanálise**
NÚCLEO MACAÉ
Desde 2007

Aula da formação básica
dia 10/09 - sábado às 9:30h
(Zoom - link no dia 09/09)

A metáfora paterna

"Uma metáfora, como já lhes expliquei,
é um significante que surge no lugar de
outro significante. Digo que isso é o pai
no complexo de Édipo. (...)
O pai é um significante que substitui um
outro significante".
(Lacan, Livro 5 - 1988 p. 180)



Lucia Maria de Freitas Perez
Professora adjunta da UNIRIO,
Colaboradora do Mestrado
Profissional em Psicanálise e
Políticas Públicas da UERJ,
Graduada em psicologia pela
UERJ-1982,
Mestre em Psiquiatria,
Psicanálise e Saúde Mental
(Instituto de Psiquiatria da UFRJ -
1988),
Doutora em Ciências da Saúde,
pelo IPUB/UFRJ (2002),
Membro do Corpo Freudiano,
Seção RJ

PVNO

Núcleo Nova Friburgo (RJ)

Corpo Freudiano NF
Clínica Social

Dispositivo Online Gratuito
de Atendimento
Psicanalítico Para
Trabalhadores da Saúde





**Semanal
sexta-feira
19:30 h.**

(22) 998580780 IZAURA
(22) 988115105 LILA
VIA GOOGLE MEET

**CF
NF**

- O Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Nova Friburgo oferece, aos profissionais de saúde, em tempos tão difíceis, de sucateamento da saúde pública e escassez de profissionais em hospitais e serviços de saúde, um cuidado pertinente ao momento desastroso que vivemos, com a pandemia de COVID-19.
- O presente dispositivo é o resultado da pesquisa teórica e do cuidado em emergências e desastres. O atendimento é em grupo, com encontro online semanal, às sextas-feiras, às 19:30. Constitui-se na escuta da angústia, que a todos nós atravessa, mas que toca sobretudo aos profissionais que atuam na saúde em hospitais, UPAs, unidades básicas, clínicas especializada e, laboratórios.
- Uma Clínica para Muitos é lugar de acolhimento, escuta e convocação à fala de sujeitos siderados pela pandemia. Considerando ritmos e movimentos, visa estabelecer, no devido tempo, uma escansão que promova a reconexão com o desejo tão imprescindível para que fecunda seja a vida.

**Uma
Clínica
para
Muitos**

Núcleo Dourados (MS)



**Escola de Psicanálise Corpo
Freudiano Núcleo Dourados**
Formação Básica

**MARCO ANTONIO
COUTINHO JORGE**

Psicanalista e psiquiatra, professor da UERJ,
diretor do Corpo Freudiano Seção RJ.

RSI

**O PARADIGMA
LACANIANO**

**01 e 08
Junho**

• • **Evento online**
• • **pelo Zoom**



ACONTECIDOS

Seção Rio de Janeiro (RJ)

<p>12 E 13 DE ABRIL</p>  <p>ZAHAR pri</p>	<p>12 DE ABRIL ÀS 19H30</p> <p>Uma aula com Marco Antonio Coutinho Jorge e Laéria Fontenele</p> <p>ZAHAR pri</p>	<p>13 DE ABRIL ÀS 19H30</p> <p>Lançamento do livro “Histeria e sexualidade” com Marco Antonio Coutinho Jorge e Natalia Pereira Travassos</p> <p>ZAHAR pri</p>
--	---	--

12 E 13 DE ABRIL

**youtube.com/
companhiadasletras**

ZAHAR pri

17 12/04 às 19h30
LACAN 120 ANOS: UMA AULA COM
LAÉRIA FONTENELE E MARCO
ANTONIO COUTINHO JORGE
>> Transmitida pelo canal do Youtube
da @companhiadasletras

17 13/04 às 19h30
LANÇAMENTO DO LIVRO 'HISTÉRIA E
SEXUALIDADE' COM MARCO
ANTONIO COUTINHO JORGE E
NATÁLIA PEREIRA TRAVASSOS
>> Transmitido pelo canal do Youtube
da @companhiadasletras

CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE



OXYGEN

GRUPO DE ESTUDOS

GENERO E SEXUALIDADE

EXIBE E DISCUTE O FILME:

24 DE ABRIL
2021

17H ÀS 20H



coordenado por:
Natalia Travassos
Vivian Ligeiro

zoom ID: 817 9377 4020

designer gráfico: paula maribondo

CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE



OXYGEN

GRUPO DE ESTUDOS

GENERO E SEXUALIDADE

EXIBE E DISCUTE O FILME:

29 DE MAIO
2021

17H ÀS 21H



PRESEÇA CONFIRMADA DE
CLARA CHOVEAUX
ATRIZ PRINCIPAL DO FILME

coordenado por:
Natalia Travassos
Vivian Ligeiro

zoom ID: 817 9377 4020

designer gráfico: paula maribondo

Seção Goiânia (GO)



La danse - homenagem à Matisse, escultura de Alice Pittaluga



Corpo Freudiano Escola de Psicanálise
Seção Goiânia
convida para o seminário:

O feminino e o não-todo fálico
com Elizabeth Cristina Landi

Data: 04/05/2021 – terça-feira
19:00, via zoom:

ID: 868 5399 6296
senha: 909490

CORPO FREUDIANO GOIÂNIA CONVIDA:

ENCONTRO DA FORMAÇÃO BÁSICA COM MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE

TEMA: TRANSFERÊNCIA E REPETIÇÃO

Data: 25/05/21
Horário: 19 horas

Núcleo Teresina (PI)



CORPO FREUDIANO / ESCOLA DE PSICANÁLISE
NÚCLEO TERESINA



Denise Maurano

**A Transferência,
o Feminino e a Política
da Psicanálise**

Aula Inaugural

Formação Básica
Módulo: A Clínica Psicanalítica

*Evento realizado
Via Zoom*

QUINTA, DIA 04 DE MARÇO
18 ÀS 20H
2021

Núcleo Brasília (DF)

 CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

Brasília
núcleo

08.MAR.2021 atividade da
Formação Básica

Dia Internacional das Mulheres

 **19:30** 

Sonia Leite
Conferência: *Algumas palavras sobre o desejo do analista e o feminino*

Numa Ciro
Performance: *a arte é mulher*

 CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

Brasília
núcleo

atividade da
Formação Básica

Conferência:
A transferência: uma viagem rumo ao continente negro

 **27.MAR.2021**
10:00

Denise Maurano

 CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

Brasília
núcleo

atividade da
Formação Básica

Conferência com:
Francisco Frazão
psiquiatra e psicanalista

Há transferência na psicose?

03.MAI.2021
19:30



 CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

Brasília
núcleo

interlocuções o que a psicanálise tem a dizer?
com outros campos de saber

13.MAI.2021 | 19:30 *o mal-estar na civilização e a crise ambiental global*

 **Marina Silva**

 CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

Brasília
núcleo

atividade da
Formação Básica

Conferência com:
Lucia Perez

19:30
17 e 24
MAI.2021

Trauma, repetição e pulsão de morte na clínica e na política



 CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

Brasília
núcleo

atividade da
Formação Básica

31
MAIO
2021
19:30

RE-PETIÇÃO
RE-CONHECER
DES-ENVOLVER

CONFÉRENCIA

 **Marco Antonio Coutinho Jorge**

Núcleo Macaé (RJ)

CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE
NÚCLEO MACAÉ

Convida para a conferência:
**A INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA
NA CLÍNICA - DE FREUD A LACAN**

DIA: 2 MARÇO 2021
HORA: 19:30

Com:
MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE
PSICANALISTA, ESCRITOR, FUNDADOR E
DIRETOR DO CORPO FREUDIANO, SEÇÃO RJ

PROFESSOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PESQUISA E CLÍNICA EM PSICANÁLISE DA UERJ

Evento aberto ao público
via Plataforma Zoom
ID da reunião: 862 0216 5790
Senha de acesso: 1234

Informações e contatos
via WhatsApp:

Vera: 22 99929-6785
Lígia: 22 99981-2802
Paulo: 22 98126-6886

www.corpofreudiano.com.br

Corpo Freudiano
Escola de Psicanálise
NÚCLEO MACAÉ
Desde 2007

Aula da formação básica
dia 08/05 - sábado às 9:30h
(Zoom - link no dia 07/05)

**As vias perversas do desejo:
Bate-se numa Criança**

"A fantasia de espancamento da menina passa por três fases, das quais a primeira e a terceira são lembradas conscientemente, ao passo que a do meio permanece inconsciente. As duas fases conscientes parecem ser sádicas, enquanto a segunda, a inconsciente, é indubitavelmente de natureza masoquista; seu conteúdo consiste em ser a criança espancada pelo pai, e faz-se acompanhar de uma carga libidinal e de um sentimento de culpa."
(Freud, Obras Completas - 1919, p. 210-211)

Vivian Martins Ligeiro

- Doutora pelo Programa de pós-graduação em Psicanálise da UERJ com estágio de doutorado/bolsa sanduíche (CAPES) na Université Paris VII - Diderot/Unité de Formation et de recherche (UFR) D'études psychanalytiques (Paris-França).
- Professora substituta do Instituto de Psicologia da UERJ
- Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ
- Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise - UERJ
- Membro do Corpo Freudiano, Seção RJ

arte: P/VNO

Corpo Freudiano
Escola de Psicanálise
NÚCLEO MACAÉ
Desde 2007

Aula da formação básica
dia 29/05 - sábado às 9:30h
(Zoom - link no dia 28/05)

A Castração e as vias perversas do desejo: A jovem homossexual

"(...) uma jovem desenvolve uma adoração sentimental por mulheres, que os pais a princípio acham vexatória simplesmente, e raramente tomam a sério; ela própria sabe muito bem estar muito ocupada com essas relações, porém ainda experimenta poucas das sensações de amor intenso até que uma frustração específica é seguida por uma reação bastante excessiva (...)."
(Freud, Obras Completas - 1920, p. 177)

Vivian Martins Ligeiro

- Doutora pelo Programa de pós-graduação em Psicanálise da UERJ com estágio de doutorado/bolsa sanduíche (CAPES) na Université Paris VII - Diderot/Unité de Formation et de recherche (UFR) D'études psychanalytiques (Paris-França).
- Professora substituta do Instituto de Psicologia da UERJ
- Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ
- Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise - UERJ
- Membro do Corpo Freudiano, Seção RJ

arte: P/VNO

Núcleo Porto Alegre (RS)

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE
NÚCLEO PORTO ALEGRE
CONVIDA

SEMINÁRIO
A INSTITUIÇÃO ESCOLA E A
FORMAÇÃO DO ANALISTA
Dia 22/05/2021
10h

Coordenação: Sônia Leite
Corpo Freudiano Rio de Janeiro

Atividade aberta aos membros da Escola
Participação via *Google Meet*
Inscrições até 21/05/2021 pelo e-mail:
corpofreudianoportoalegre@gmail.com

Seção Campos dos Goytacazes (RJ)

 **CORPO FREUDIANO**
ESCOLA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO CAMPOS DOS GOYTACAZES / RJ

CONFERÊNCIA

A LÓGICA DO SIGNIFICANTE:

DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO AO LAÇO SOCIAL

Coordenado por
Marco Antônio Coutinho Jorge

Psicanalista. Diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, Seção Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ.

 06 de março (sábado)
09h - 12h



 **CORPO FREUDIANO**
ESCOLA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO CAMPOS DOS GOYTACAZES / RJ

CONFERÊNCIA

O DESMENTIDO DA PRIVAÇÃO

SINTOMA E DEFESA NA ERA DO CONSUMO

Rogério Quintella

15 de março
(segunda-feira)
às 19:30h

Atividade Aberta via Zoom

ID: 247.630.456
Senha: 027367

Membro da Escola Corpo Freudiano - Seção Campos dos Goytacazes - RJ. Professor de Psicologia UFF-PUCG. Autor do livro "O Supereu Canibal".



CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO CAMPOS DOS GOYTACAZES / RJ

A FACE CRUEL DO FEMININO

Com Valesca Campista

Psicóloga, doutora em Psicanálise pela UERJ, professora da Graduação em Psicologia da Universidade Estácio de Sá.

DIA 27 DE MAIO
(QUINTA-FEIRA) ÀS 20H

Via Zoom
ID: 247.630.456
Senha: 027367



Núcleo Teresópolis (RJ)

PSICANÁLISE DE BRASILEIRO
VOLUME 2

Quem é esse que se deita no divã e também aquele que se utiliza do método psicanalítico como ofício?

ORGANIZADORES:
Luiz Antônio Viegas e Renata Quiroga

AUTORES:
Carlos Alberto Mattos, Cláudia Braga de Andrade, Denise Maurano, Joana Souza, Jorge Luiz Veschi, Lucia Perez, Luiz Antônio Viegas, Maicon Cunha, Maritza Garcia, Marlise D'Icarahy, Paulo Sternick, Rafaela Quiroga, Renata Quiroga, Rita Maria Manso de Barros

Atividade aberta e gratuita com vagas limitadas
ON-LINE Via ZOOM ID: 865 1885 3841 Senha: 102440

CORPO FREUDIANO
Núcleo Teresópolis

CONVIDA:

DENISE MAURANO
JORGE LUIZ VESCHI

DOMINGO
2 de MAIO
18h




Núcleo São Paulo (SP)

Lançamento e debate do livro

**"Autismo e mediação:
bricolar uma solução para cada um"**

de Isabelle Orrado e Jean-Michel Vives

Participação de
Jean-Michel Vives

Debatedor:
**Mário Eduardo
Costa Pereira**

17 de abril
10h
Transmissão pela página
no Facebook do Corpo Freudiano São Paulo

Realização   Apoio em divulgação

**CORPO
Freudiano**
São Paulo

**SEMINÁRIO DE
LEITURA 2021**

Coordenador: Mário Eduardo Costa Pereira

**Introdução aos *Escritos* (1966),
de Jacques Lacan**

O seminário da "Carta roubada" (1957)

TERCEIRA QUINTA-FEIRA DE CADA
MÊS DE MARÇO A NOVEMBRO DE 2021

Atividade gratuita e sem inscrição / Não será gravada

Para acompanhar, acesse nossa página
no Facebook: @corpofreudianosaopaulo

**QUINTA 20/05
ÀS 20H30**

LIVE

**CORPO
Freudiano**
São Paulo

**CONVERSA COM
O AUTOR**

- Mara Viana de Castro Sternick
- Cássio Eduardo Soares Miranda
- Alexandre Simões
- Jacques Akerman

Apresentam:
**"Saúde mental
e psicanálise:
conexões discursivas"**

CONVERSAM COM:
MÁRIO EDUARDO COSTA PEREIRA

para acompanhar acesse nossa página
no facebook: @corpofreudianosaopaulo

**SÁBADO 22/05
DAS 10H ÀS 12H**

LIVE GRATUITA
SEM INSCRIÇÃO

**CORPO
Freudiano**
São Paulo

**PRODUÇÃO E
ESTILO EM
PSICANÁLISE**

**ADOLESCÊNCIA: O DESPERTAR DE UMA
NARRATIVA MITO-POIÉTICA EPOEICA.**

NO **facebook**

APRESENTAÇÃO: **LIVE**

ANA CECILIA MAGTAZ

coordenação: **Amanda Rizzo**

para acompanhar acesse nossa página
no facebook: @corpofreudianosaopaulo

**Quinta 22/04
às 20h30**

IDEALIZAÇÃO:
AMANDA RIZZO E
DANIEL HAMER ROIZMAN

**CORPO
Freudiano**
São Paulo

**PRODUÇÃO E
ESTILO EM
PSICANÁLISE**

**LITERATURA, PSICANÁLISE
E OUTRAS ESCRITURAS**

NO **facebook**

APRESENTAÇÃO: **LIVE**

ISLOANY MACHADO

coordenação: **Daniel Hamer Roizman**

para acompanhar acesse nossa página
no facebook: @corpofreudianosaopaulo

**Quinta 27/05
às 20h30**

IDEALIZAÇÃO:
AMANDA RIZZO E
DANIEL HAMER ROIZMAN

Núcleo Dourados (MS)



Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados MS

A função do Cartel na Escola




Sonia Leite

Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica/PUC-Rio. Coordenadora de Ensino e membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção RJ. Editora da Revista Latinoamericana em Psicopatologia Fundamental. Autora de artigos em coletâneas e revistas.


Autora do livro *Angústia da coleção Passo a Passo* da J. Zahar Ed.

09 de Abril 16:00 horário de MS

Evento online pela plataforma Zoom



CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE
NÚCLEO DOURADOS
ABRIL



Indicação de leitura:
Seminário 11:
O sujeito e o Outro (I): A Alienação.
O sujeito e o Outro (II): A afânise

Escritos:
A direção do tratamento e os princípios de seu poder.

20 e 27 de Abril 16:00 horário MS

Solicitar senha pelo e-mail dourados@corpofreudiano.com.br
Evento online pela plataforma Zoom

Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados MS
Formação Básica



"Desafios da escuta psicanalítica no ambulatório de saúde mental: articulações ao Real Simbólico e Imaginário".

Hilana Erlich

Hilana Erlich, Psicanalista do Corpo Freudiano, seção R.J., Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pelo Programa de Pós Graduação da UERJ. Especialista em Psicanálise com Crianças pela PUC RJ. Especialista em Psicologia Clínico - Institucional pelo Programa de Residência do Hospital Pedro Ernesto (UERJ) Psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS- RJ).

04 e 11 de Maio 16:00 horário do MS



Escola de Psicanálise Corpo Freudiano Núcleo Dourados MS
Formação Permanente

Psicanálise e Política

Rosana Coelho

Doutora em Psicanálise – Clínica e Pesquisa/UERJ.

"Origens do Totalitarismo: Hannah Arendt conversa com Sigmund Freud e convida Jacques Lacan".



18 e 25 de Maio 16:00 horário de MS

Núcleo Nova Friburgo (RJ)



CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE NÚCLEO NOVA FRIBURGO

SEMINÁRIO ABERTO AO PÚBLICO

A QUESTÃO DA REPETIÇÃO NO SEMINÁRIO DA CARTA ROUBADA



Transmissão
AO VIVO
PELO YOUTUBE

Com Mário Eduardo Costa Pereira
Corpo Freudiano Núcleo São Paulo
Rede de Psiquiatria e Psicanálise do Corpo Freudiano

SÁBADO | 24/04
09:30 | VIA ZOOM

ID: 611 165 7650 - SENHA: 989531
Mais informações e link do canal no
instagram: @corpofreudianof



CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE NÚCLEO NOVA FRIBURGO

SEMINÁRIO

A REPETIÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA CLÍNICA

Com Andresa Louback
Corpo Freudiano Núcleo Nova Friburgo

SÁBADO | 10/04
09:00 | VIA ZOOM

Seminário aberto aos membros
do Corpo Freudiano.
Solicitar senha por DM no instagram
@corpofreudianof



CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE NÚCLEO NOVA FRIBURGO

SEMINÁRIO

**A TRANSFERÊNCIA EM LACAN:
O SEMINÁRIO 8**

Com Fernanda Samico
Corpo Freudiano Núcleo Vassouras

SÁBADO | 08/05
09:30 | VIA ZOOM

Seminário aberto aos membros
do Corpo Freudiano.
Solicitar senha por DM no instagram
@corpofreudianof

Núcleo Vassouras (RJ)

Corpo Freudiano Núcleo Vassouras

Apresenta:

Conferência com Denise Maurano:
O Feminino e a Política da Psicanálise



Data: 29/05
Horário: 10h

Evento online via Zoom
para associados do Corpo
Freudiano

Atividade preparatória para o XI Encontro Nacional e XI Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise



Núcleo Barra Mansa (RJ)

Corpo Freudiano
Núcleo Barra Mansa

CONVIDA

**Jornada da Formação do
Psicanalista 2021**

**DIA: 15/05
SÁBADO**

Evento aberto ao
público
pelo zoom

CORPO FREUDIANO
NÚCLEO BARRA MANSÁ

**Jornada da Formação do
Psicanalista 2021**



**O QUE É FORMAÇÃO PERMANENTE
EM PSICANÁLISE?**

Marco Antonio Coutinho Jorge
Psiquiatra e Psicanalista,
Diretor do Corpo Freudiano
Seção Rio de Janeiro
Autor da Série Fundamentos da
Psicanálise de Freud a Lacan, co-
autor da Trilogia sobre Sexualidade
na Contemporaneidade,
entre outros livros

**DIA: 15/05
17:00H**
Evento aberto ao
público
pelo zoom
ID 319 969 5984

CORPO FREUDIANO
NÚCLEO BARRA MANSÁ

**Jornada da Formação do
Psicanalista 2021**

Programação

13:30 ABERTURA COM LAVÍNIA BRITO
PSICANÁLISE EM INTENSÃO E PSICANÁLISE EM
EXTENSÃO

14:00 MESA: PSICANÁLISE EM EXTENSÃO
-A FORMAÇÃO DO ANALISTA
(ANA LUCIA CAVALCANTI E SILVANA ALMEIDA)
-A PSICANÁLISE E O SOCIAL:UMA VOLTA AO
PASSADO PARA PENSAR OS TEMPOS ATUAIS
(FABRISSE AMARO)
- CONSIDERAÇÕES DE UMA PSICANALISTA EM UTI
NEONATAL HUMANIZADA: QUANDO A VIDA COMEÇA
DIFERENTE (ELIESIA PAIVA)

15:00 MESA: PSICANÁLISE EM INTENSÃO
-NOTAS SOBRE O ANALISTA: UM AUTORIZAR-SE POR
SI MESMO E POR ALGUNS OUTROS
(MARIANA PREM E VITÓRIA OLIVEIRA)
-NÃO SE FORMA ANALISTA. AUTORIZA-SE
(PABLO BISMARCK)
-AUTORIZAR-SE, TORNAR-SE, FORMAR-SE
PSICANALISTA: O QUE ISSO QUER DIZER?
(ELIANE BRANDÃO)

CORPO FREUDIANO
NÚCLEO BARRA MANSÁ

**Jornada da Formação do
Psicanalista 2021**

Programação

16:00 INTERVALO

16:15 MESA: EFEITOS DA FORMAÇÃO
-O QUE SE APRENDE DO AMOR EM UMA ANÁLISE?
(JESSICA GUALBERTO)
-UM SABER QUE NÃO SE SABE: O LUGAR DO
ANALISTA NO MANEJO DA TRANSFERÊNCIA
(FERNANDA SAMICO)

**17:00 CONFERÊNCIA COM MARCO ANTONIO
COUTINHO JORGE:**
O QUE É FORMAÇÃO PERMANENTE EM PSICANÁLISE?

Corpo Freudiano Núcleo Barra Mansa
apresenta:

**Ciclo de Conferências sobre os
Elementos da Clínica Psicanalítica**

**Dia: 16/04
Hora: 19h**

**O dinheiro e seu
manejo na clínica**
Com Fernanda Samico
Psicanalista do Corpo Freudiano
Núcleo Vassouras

Corpo Freudiano Núcleo Barra Mansa
apresenta:

**Ciclo de Conferências sobre os
Elementos da Clínica Psicanalítica**

**Dia: 28/05
Hora: 19h**

O uso do divã
Com Denise Maurano
Psicanalista do Corpo Freudiano
Seção Rio de Janeiro

Seção Paris (Fr)

Programme du mois d'avril

Corpo Freudiano Paris

<p>Samedi 10 avril</p> <p>"En Thérapie" avec David Elkaim et Vincent Poymiro.</p> <p>14 h - 16 h Plateforme Zoom</p>	<p>Dimanche 11 avril</p> <p>Laboratoire du concept "La Répétition" avec Charliène Charles, psychanalyste et Alexandra Dupuy-Liri, psychanalyste.</p> <p>14 h - 16 h Plateforme Zoom</p>	<p>Dimanche 18 avril</p> <p>Cartel "L'éthique de la psychanalyse".</p> <p>Lecture du Séminaire de Jacques Lacan (1959 - 1960).</p> <p>10 h 30 - 12 h 30 Groupe fermé.</p>
<p>Dimanche 18 avril</p> <p>Rencontre clinique "Le désir de l'analyste" avec Denise Maurano, psychanalyste.</p> <p>21 h - 23 h Plateforme Zoom</p>	<p>Mercredi 21 avril</p> <p>Rencontre clinique - Après-coup</p> <p>Le désir de l'analyste.</p> <p>21 h - 23 h Groupe fermé.</p>	<p>Lundi 26 avril</p> <p>"Freud mis en voix"</p> <p>Lecture de la Traumdeutung.</p> <p>21 h - 23 h Plateforme Zoom</p>

Marco Antonio Coutinho Jorge Autour du fantôme



Dimanche 30 Mai 2021
CORPO FREUDIANO PARIS

Inscription Zoom : corpofreudianoparis@gmail.com

RENCONTRES CLINIQUES, «LE DÉSIR DE L'ANALYSTE» Avec DENISE MAURANO / Dimanche 18 Avril 2021 / 21H



CORPO FREUDIANO PARIS

Inscription Zoom : corpofreudianoparis@gmail.com